

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

INSTITUIÇÃO DE SOLIDARIEDADE ENTRE OS QUE LABUTAM NO COMÉRCIO PORTUGUÊS
NÚMERO ÚNICO, COMEMORATIVO DO XXV ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO

Casa de Repouso:

Secção Masculina } independentes
Secção Feminina }
Estrada do Desvio, 48, LUMIAR - Tel. P.P.C. 779167

Composto e impresso na Gráfica Santelmo
Rua de S. Bernardo, 84 — Tel. 66 4206 — LISBOA

Editor: JOSÉ MANUEL DIAS

Secretaria:

Rua dos Fanqueiros, 221, 2.º — Tel. 24357
Delegados em todos os pontos do Continente,
Ilhas e Ultramar

Orfanato Masculino:

Estrada do Desvio, 33 — Tel. P.P.C. 779167

Orfanato Feminino:

Em funcionamento sob regime externo

TIRAGEM: 45.000 EXEMPLARES

Um quarto de século de actividade 1929-1954

Os homens que, naquela tarde calma de Abril de 1929, se reuniram no 1.º andar da rua do Loreto, 43, nunca viram os seus nomes nimbados de glória, pois nem sequer andavam nas tubas da Fama, resultado do martelar constante aos ouvidos do público, através do noticiário dos jornais. Muito ao contrário, visto tratar-se de pessoas modestas, afadigadas dia a dia nos seus labores. Unia-os um pensamento generoso, pois visava a encontrar remédio para os seus companheiros de profissão a quem a Fortuna não protegera com as suas benesses.

Viam-se no espelho da Maison de Retraites de L'Association des Artistes Dramatiques, que os actores possuíam a uma hora, mais ou menos, de distância de Paris e que mestre António Pinheiro, artista de tanto prestígio, exalçava, com o seu conhecido entusiasmo, em artigos apologeticos, perante os seus colegas de Teatro, com mira à constituição de um organismo idêntico em Portugal. Era assim que os homens do Comércio pensavam, também, ter uma Casa de Repouso. E conseguiram-no, digamo-lo em abono da verdade, pelo menos similar!

A ideia singrou e as adesões sucederam-se, demais que a quota, de cifra voluntária, se estabelecera que fosse do valor mínimo de um escudo mensal. Mediocre para a época, mas hoje, devemos confessá-lo, se se adoptasse, resultaria mesquinha.

Como acima escrevemos, a ideia singrava efectivamente, mas talvez sob o aspecto de hesitação, o que não empolgava, como seria para desejar, os profissionais do comércio. Tornava-se preciso — reflectiu-se — obter a adesão efectiva de elementos de maior projecção no campo das realizações sociais, com um activo de demonstrações do seu poder de corporizar obras práticas, das que tomam vulto e aliciam a chamada

opinião geral. Eis que surge Alexandre Ferreira, sócio n.º 19, com o seu lema: — «É indispensável abrir a Casa de Repouso quanto antes, embora com uma



Alexandre Ferreira

população pequena; que exista, pelo menos, o embrião; o resto chegará a seu tempo».

Com Alexandre Ferreira viera uma aluvião de novos sócios juntar-se aos existentes e uma pleiade de boas vontades que impulsiona os trabalhos em marcha. Manifestam-se dedicações inescusáveis.

O *mot d'ordre* de Alexandre Ferreira: — «Abrir a Casa de Repouso», torna-se geral e todos os secundam.

O seu verbo eloquente é posto, desinteressadamente, ao serviço da ideia; enquanto que em Lisboa se trabalha sôfregamente nos preliminares, ele percorre, em parte coadjuvado por Júlio Silva, quase todo o País, explicando ao Comércio, em palestras e conferências,

para que vai servir a nova instituição.

Pouco mais de um ano decorrido, em 25 de Maio de 1930, abre-se, na Quinta do Paço, ao Paço do Lumiar, um lugar com o seu cunho de arrabaldino, embora já integrado na organização administrativa da capital, a almejada Casa de Repouso.

Presidiu à cerimónia o chefe do distrito de então, major João Luís de Moura, que fez a abertura com uma simbólica chave de ouro.

Eram presidentes, respectivamente, da assembleia geral, direcção e conselho fiscal, Henrique Pereira Taveira, Alexandre Ferreira e Alexandre Bento.

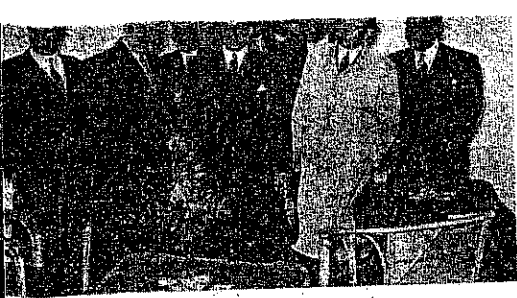
Aquela «chave de ouro» que servira ao chefe do distrito para iniciar oficialmente a vida da Casa de Repouso, parece ter fadado, a despeito do seu simbolismo, pois era somente de metal banhado de ouro, Inválidos do Comércio para destinos felizes.

A benemerência de grandes e dedicados amigos começa a revelar-se num crescendo notável. Há dádivas, legados, heranças e palavras de estímulo que são enternecedoras.

A propagação não quebranta: se em Lisboa ela se faz sentir, na Província há dedicações patentes, efectivas e tão duradouras, que ainda hoje, algumas — passado um quarto de século — se mantêm tão vivas como na primeira hora.

Começa a pensar-se na existência do edifício próprio, reputado, naquele momento, de problema primacial. E o mesmo problema é enfrentado com denodo pela Comissão de Propaganda, onde se evidencia a actividade de três associados, cujos nomes as páginas do relatório da gerência de 1938 consagram como era de justiça: António Casanova, Alberto Baptista Alvares, hoje extinto, e Amador Augusto Lavadinho.

O ministro do Interior de então, dr. Mário Pais de Sousa, hoje também



28 de Dezembro de 1952

A visita do Sr. Ministro do Interior e de outras entidades, oficiais

infelizmente falecido, que inaugurou oficialmente o edifício, mostrando-se imensamente sensibilizado com o que se lhe patenteara — que foi tudo — expressou as suas impressões nestas palavras: «Levo daqui uma grande lição; ela consiste em ter visto nesta realização, em início, quanto pode a iniciativa particular, inteligentemente dirigida».

A criação do Orfanato, secção prevista nos Estatutos, proporcionou a adopção de diversos filhos de associações cuja morte havia ocorrido em situação económica muito precária. Encontra-se em funcionamento e há resultados pedagógicos animadores, para o futuro desses pupilos, que são de um e outro sexo.

A assistência médica a internados montou-se, em edifício próprio, no ano de 1945, recebendo o mesmo imóvel o nome de «Serviços Clínicos Manuel António Dias Ferreira», perpetuando-se, assim, o nome de um grande benemérito e antigo presidente da mesa da assembleia geral.

Desde 1946 que funciona a Secção Feminina da Casa de Repouso. Constitui, sem exagero, uma novidade no campo da assistência no nosso País, pois nunca existira qualquer organismo destinado exclusivamente a senhoras duma só profissão.

1954 trazer-nos-á, nas suas despedidas, e mercê dos trabalhos da Comissão de Propaganda, mais um facto assinalável para Inválidos do Comércio: a ampliação dos edifícios sociais, permitindo que a capacidade geral de alojamentos — um e outro sexo, secções independentes, é bem de ver — seja elevada a 247 lugares, e a remodelação geral dos serviços de cozinha que passará a funcionar em moldes modernos, já adoptados em grandes estabelecimentos de saúde e de assistência.

Ocorre-nos, ao escrever estas linhas, quanto tem sido importante o papel do

Secção masculina
Um dos quartos



Comércio em todas as manifestações de solidariedade para com o próximo. Não há acto de humanidade ou socorro aos vencidos da vida que não tenha a colaboração, solicitada ou espontânea, da classe comercial.

Se recuarmos na História alguns séculos, encontramos no século XIII, funcionando no Porto, uma instituição que ligava os comerciantes do reino, certamente a primeira que se criou na Europa e que, no dizer de Pinheiro Chagas, atestava o modo como os negociantes portugueses compreendiam, ao tempo, as vantagens da associação e haviam criado hábitos de estreita solidariedade. Esta instituição era a Bolsa do Comércio, verdadeira associação de seguros mútuos com carácter profissional, com regulamentos especiais, com direcção e um presidente que se chamava Juiz da Bolsa e um fundo constituído por umas determinadas percentagens sobre os direitos de importação e exportação, com o qual se ocorria a remediar os desastres sofridos por qualquer dos agremiados, desde o momento que, por prévia investigação, se reco-

nhescesse que o prejuízo fora devido exclusivamente a um desastre ocasional, sem interferência culposa do interessado.

Muito mais tarde, nos meados do século XIX, quando o Mutualismo teve o seu florescimento em Portugal, são ainda os homens de Comércio que lançam a meritória iniciativa da sua primeira Mutualidade, ou seja a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria, que atingiu, recentemente e com a consideração de todo o Comércio, a categoria de centenária.

E dentro do trilho que o passado nos legou, integrado, evidentemente, nas fórmulas contemporâneas da assistência e com inteiro respeito pela pessoa humana, caminhou Inválidos do Comércio no quarto de século assinalado neste número comemorativo, ou seja mais uma página de história da jornada feita Por Bem e para bem daqueles que a sombra desta árvore frondosa se acolheram na hora da adversidade.

A Direcção de 1954

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

MILAGRE DE DEVOÇÃO

Por JOAQUIM MENDES DE OLIVEIRA

Presidente da Direcção da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria

Apenas à circunstância de ser elemento activo ao serviço de obras filhas do voluntariado, através das quais os profissionais do comércio têm vincado altos sentimentos de solidariedade profissional, posso atribuir o convite da Direcção de Inválidos do Comércio para colaborar neste número do Boletim comemorativo do 25.º aniversário.

Não me escuso, por me ser extremamente grato patentear o meu preito de admiração à persistência e esforço desenvolvidos pelos homens de boa vontade que fizeram de Inválidos do Comércio uma instituição que se pode considerar autêntico padrão de Bondade e Espiritualidade.

Quando há um quarto de século, a chama idealista de Alexandre Ferreira caldeou num sentir unânime a aspiração geral de se instituir uma colectividade através da qual aos profissionais do comércio não faltasse, no final da vida, o ambiente de família que a muitos o destino negava, era imprevisível; não o êxito da iniciativa porque esse garantia-o o prestígio pessoal, direi mesmo, a predestinação daquele verdadeiro apóstolo de bondade, mas a projecção extraordinária que estava reservada a Inválidos do Comércio.

Quem desde a primeira hora anteviu, com o desabrochar da ideia e pressurosamente acorreu ao chamamento, inscrevendo-se nas fileiras associativas, que se estava delineando qualquer

coisa de extraordinário, constata hoje, volvidos 25 anos, que a realidade ultrapassou de longe tudo aquilo que se poderia ter previsto.

Mantém-se toda a pureza do Ideal de solidariedade profissional, que através de tantas oscilações, experiências, tentativas e diversidade de conceitos, tendentes a atingir-se o bem-estar dos indivíduos, foi a fonte inspiradora da nossa verdade — Inválidos do Comércio.

Nem o desentendimento dos homens, na ansia de atingirem isoladamente os objectivos que o esforço congregado tornaria mais fácil, nem a natural evolução dos princípios sociais, neste quarto de século, desvirtuaram os belos conceitos que a obra hoje festejada substancia.

Estas palavras, ao correr da pena, não podem reflectir aspectos doutrinares ou considerações acerca deste ou daquele sistema de previdência ou assistência, sejam eles expressão representativa de tendências de indivíduos ou de diplomas oficiais.

Entendo que Inválidos do Comércio, tendo as suas raízes mergulhadas na espiritualidade tradicional das obras de solidariedade, tem o seu lugar à parte.

Não pode, através da legislação materialista, cuja finalidade é tutelar as obras que a mesma legislação cria, regulamentar-se aquilo que é produto dum sentimento vivido e que brota

(Continua na página seguinte)

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

PARA A VIDA DE INVALIDOS DO COMÉRCIO

A ACTA DA FUNDAÇÃO

«A 10 de Abril do ano de 1929, a convite do Sr. Alfredo Guedes da Costa Cabral, compareceram na Rua do Loreto, n.º 43-T.º, Atelier fotográfico do Sr. José Joaquim da Costa Fernandes, os Srs. Alfredo Duarte Laureano, comerciante, Felisberto Simplicio, contabilista, Júlio Afonso, agente de publicidade, Artur Guedes da Costa Cabral, preparador de química farmacêutica, António Guedes da Costa Cabral, caixeiro de praça e, depois de uma breve exposição do Sr. Alfredo Cabral em que demonstrava a absoluta necessidade da fundação de uma instituição beneficente que carinhosamente amparasse aqueles que, na vida comercial, adquirissem invalidez ou longevidade que lhes não permitisse obter os precisos recursos para a sua subsistência, foi resolvido por unanimidade que se constituíssem em comissão iniciadora de um internato de assistência particular, que sob a denominação de Inválidos do Comércio satisfizesse ao fim exposto, resolvendo-se que essa comissão ficasse constituída como segue: José Joaquim da Costa Fernandes, presidente; Alfredo Guedes da Costa Cabral, secretário; Alfredo Duarte Laureano, tesoureiro; António Guedes da Costa Cabral, vogal; Artur Guedes da Costa Cabral, vogal; Felisberto Simplicio, vogal; Júlio Afonso, vogal.

O que por expressão de verdade é assinada pelos próprios.

(Continuação da página anterior)

exponetaneamente dos espíritos bem formados.

Nem a índole deste Boletim, por ser número destinado a comemorar tão transcendente facto, como é o do 25.º aniversário, proporciona a possibilidade de analisar detidamente aspectos da previdência.

Limito-me, pois, a recordar, que da acção desenvolvida pelos homens de boa vontade que têm estado à frente dos destinos da instituição, não resultou apenas — e já seria bastante para sua honra, dando inteiramente jus ao nosso reconhecimento — a realidade que é hoje Inválidos do Comércio.

Há que ver mais além e considerar que outras instituições congêneres vieram inspirar-se na doutrina aqui praticada, adoptando os princípios informadores dos seus estatutos e seguindo o exemplo dado pelos profissionais do comércio de Lisboa, berço da mais bela obra de solidariedade profissional que

«ABRIGO DA PAZ»

Por DINAH SANTOS LIMA
Publicista

(Relatório da Repartição de Instrução e Assistência, da Câmara Municipal de Lisboa, de 1925).

Como não se encontra explicação satisfatória para a indiferença, consciente ou inconsciente, que caracteriza a sociedade de hoje, fica-se absorto, contemplativo, perante as palavras de Alexandre Ferreira. Elas reflectem o seu pensamento e explicam as suas obras.

Pois nem toda a beleza dessas obras chega para arrancar ao isolamento da indiferença, a certeza de que o caminho é «Pota-lei e pola grei». Nem todo o vigor persuasivo do maior idealista atinge o poder suficiente de convencer de que a vida nada vale se não for oferecida «Por Bem». Por isso é que há sempre entre o Ideal e o homem, uma sombra de espessura monstruosa que só o rolar dos séculos poderá desgastar...

Entretanto, este dever de atenuar o sofrimento alheio, embora exprimindo-se na sua linguagem estranha, prossegue na tradução do pensamento de Alexandre Ferreira que se continua lendo nas páginas da história gloriosa de Inválidos do Comércio.

Realmente, no coração generoso daquele homem inteligente, não podia deixar de germinar um alto sentimento de justiça para com as crianças em geral, como bem o demonstrou e para com os profissionais de ambos os sexos, do comércio e da indústria, por ser uma classe numerosa e das mais desprotegidas.

Variadas são as finalidades das diversas associações de assistência destinadas ao comércio e à indústria e em seu nobre significado está incluída a mulher. Porém, nem no socorro mútuo, nem na previdência oficial — apenas assistência médica e estreitas pensões de reforma — existem cláusulas tão amplas na invalidez como as concedidas por Inválidos do Comércio para as suas secções masculina e feminina. Por isso mesmo, tanto mais se deve lamentar que a grande maioria das empregadas e comerciantes femininas, veja com indiferença uma obra única cuja finalidade é a realização do mais querido sonho de mulher sem fortuna: uma casinha que é um lar, um ambiente adequado à dignidade da profissão e um amparo total até ao apagar dos seus dias. Onde se usufruem vantagens idênticas? Em Portugal, em mais parte alguma. E não é de hoje. Desde 24 de Novembro de 1946, data em que foi inaugurada a secção feminina, que algumas senhoras internadas — hoje são 37 — gozam dessas regalias a que têm todo o direito não só como membros depauperados da so-

«Cumpramo-lo, pois, cada um segundo as suas posses e capacidades, na certeza de que quando se cumpre o dever não se fazem favores, e muito menos se dão esmolas.»

Alexandre Ferreira

seu esforço e trabalho dispendido em prol da família e da riqueza da Pátria.

Devia mesmo caber dentro do coração de todas as mulheres afortunadas, o sentimento de repartir, não como esmola mas como um dever que se cumpre com Amor, contribuindo monetariamente para uma colectividade que, mais do que qualquer outra, ampara a mulher na velhice, roubando-a à miséria ou à amargura de se saber um peso-morto no magro orçamento de grande parte, a maior mesmo, da família comercial ou industrial.

Deu-se vasta amplitude às profissões com direito à admissão em Inválidos do Comércio. As senhoras que usufruem, presentemente, dos direitos de uma vida calma e sossegada dentro da Instituição, dispenderam as suas energias e saúde nas mais variadas profissões. Foram empregadas de escritório, de armazém, caixeiras de balcão, de praça, comerciantes, caixas, etc.... Estou certa de que a maioria nunca em sua vida teve oportunidade de disfrutar, com tanta paz e bem-estar espiritual, do conforto e até, talvez, da independência de que gozam hoje, adentro das portas carinhosas da Instituição.

A mulher profissional que não possua família com obrigatoriedade de manutenção — e mesmo assim os deveres são tanta vez esquecidos e são, para outros, tão aborrecidos de cumprir... — que espera obter da generosidade privada? Onde crê encontrar tudo quanto carece para subsistir — casa, alimento, vestuário, médico e ambiente acolhedor, quase familiar? Até mesmo o lar da mulher casada, profissional, pode não possuir reformas suficientes para se manter. Não será muito mais lógico que os cônjuges providenciem de forma a poder um dia, viver ambos, nas respectivas secções dentro do mesmo edifício, dentro da mesma esfera familiar que lhes oferece Inválidos do Comércio, o «Abrigo da Paz»?

Casa de Repouso
Sala de estar, jogos e leitura





Casa de Repouso
Sala de jantar

UMA



Casa de Repouso
A barbearia

BELA OBRA SOCIAL

Por LUÍS FERREIRA
JORNALISTA

Quem, como nós, queima energias no jornalismo há já algumas dezenas de anos, é forçado a recorrer aos adjetivos com muita frequência. Nem sempre eles terão ampla justificação, mas a verdade é que todos os cidadãos com livre acesso às colunas dos jornais se julgam com direito à qualificação de «ilustres», «distintos», «insignes», «consagrados» e a quanto mais exista de laudatório na caneta de tinta permanente do jornalista. Deste uso e abuso de adjectivação resultou nada ela significar perante o público, que está farto de comer gato por lebre... Assim, ao referir-nos a Inválidos do Comércio, entendemos conveniente dar como introito as palavras que aí ficam para afirmarmos, categoricamente, que

a excelente instituição é de facto, como o título deste artigo indica, uma bela obra social. Neste caso, os adjetivos estão rigorosamente certos e o jornalista não falseia a verdade. Inválidos do Comércio, pela maneira elevada como exerce a sua acção assistencial, impõe-se ao respeito e à admiração de quantos se interessam pelos problemas assistenciais.

Não se trata de um albergue onde os seus internados, com um fardamento e um número, vejam diluída, apagada, a sua personalidade. Em Inválidos do Comércio, os que lá vão parar — por as contingências e os imponderáveis da vida assim o terem determinado — continuam, normalmente, a sua existência. Têm um lar aconchegado, confortável, soalheiro e optimista —

sem fardamento nem número. Percorrendo as salas e os jardins de Inválidos do Comércio, dir-se-ia pairar ali a espiritualidade, a ternura e a bondade de Alexandre Ferreira, querido e saudoso amigo que consagrou o melhor da sua inteligência a esse sonho de beleza — que a sua perseverança e a de um grupo de sólidas dedicações haviam de corporizar para glória de uma classe. Parece que ainda estamos ouvindo as palavras de confiante fé desse paladino das causas nobres que, pouco a pouco, foi derretendo, com a sua palavra fluente e o calor do seu coração, o gelo dos indiferentes, dos cépticos, dos que não acreditam nos milagres da força de vontade. Vinte e cinco anos depois de lançada a semente à terra, ve-

rificamos, com prazer, que ela germinou e que a bela obra social criou tão fortes raízes que nada já a fará abalar. Estamos diante de uma realidade palpável, de uma organização que dignifica os seus dirigentes, a massa associativa que a mantém, os beneméritos que a recordam em seus legados e os beneficiários.

Saudar Inválidos do Comércio é, portanto, na altura em que se assinala o seu quarto de século, uma manifestação espontânea da nossa parte, bem grata ao nosso espírito. E desta vez o jornalista é sincero. Não está espartilhado dentro de convencionalismos; e quantos adjectivos empregou para enaltecer Inválidos do Comércio foram ajustados e merecidos, traduzindo, fielmente, o que o cérebro pensa e o coração ordena.

BODAS DE PRATA

Por JOÃO GOMES LEITE
CAIXEIRO

Nas bodas de prata da fundação da prestimosa instituição *Inválidos do Comércio*, ora comemoradas, da iniciativa de um modesto grupo de caixeiros, não podemos deixar de recordar com mágoa e saudade a figura profundamente humana que em vida se chamou Alexandre Ferreira, precursor da mais nobre e bela casa de assistência dos últimos tempos.

De colaboração com alguns camaradas apóstolos do mutualismo, corações bondosos, almas benfazejas, tiveram a feliz ideia de proteger, agasalhando condigna e carinhosamente os seus camaradas menos felizes, cansados pela velhice e desamparados, recolhendo-os

em confortável edifício onde nada lhes faltasse.

Para esse efeito, arrendaram uma casa onde conbesse, de momento, o maior número possível de necessitados profissionais do comércio.

A ideia tomou vulto, e dentro em pouco, com o auxílio de alguns dos mais devotados protectores e beneméritos, encarando com simpatia e sensibilidade a acção altruista a desenvolver-se, uma parte da classe comercial accorria prestando comovidamente o seu auxílio generoso.

A mudança para a Quinta do Outeiro, no Lumiar, com a coadjuvação e ajuda da Comissão de Propaganda, le-

vantou *Inválidos do Comércio* à altura de uma verdadeira casa de repouso dentro da qual se alojam aproximadamente trezentos indivíduos de ambos os sexos, antigos empregados comerciais, a quem nada falta: carinho e bem-estar.

Para festejar o quarto de século que passa, *Inválidos do Comércio* inaugura novas e amplas instalações dignas de serem visitadas por todos os que amam o bem-estar do seu semelhante e contribuirão com o seu voluntário óbolo para o crescimento cada vez maior de tão grande, de tão maravilhosa obra, que bem se pode chamar sentidamente o templo sagrado da solidariedade humana.

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Vista por VIRGÍLIO FONSECA

Presidente da Direcção da União de Grémios de Lojistas de Lisboa

Para se poder apreciar convenientemente a instituição Inválidos do Comércio, na essência da sua organização e na consecução dos seus bem-intencionados fins, é necessário afastarmo-nos mentalmente das formas que caracterizam o Mutualismo e Assistência.

Enquanto o Mutualismo se alicerça em normas em virtude das quais os benefícios concedidos são direitos para os quais se contribui oportunamente nos termos que o estudo dos antecedentes fez estabelecer, a Assistência representa a concessão de benefícios a que se não tem direito na acepção rígida da palavra, mas que a administração dos fundos julga, em função das condições que previamente estabeleceu, dever facultar.

Na minha ideia, Inválidos do Comércio não é nem uma nem outra coisa, ou terá um pouco de cada uma.

Ná época actual, em muitos países, as instituições do Seguro Social obrigatório atingem por vezes dimensões extraordinárias, quicá superiores à capacidade e necessidades previstas, num desdobramento de actuação que excede, pelo menos no momento presente, as necessidades normais dos beneficiários.

Também entre nós algumas dessas circunstâncias se têm naturalmente verificadas, mas isso não impede que, apesar desses aparentes excessos, não tenham ficado em aberto lacunas que nuns casos as possas Associações Mutualistas e noutros Inválidos do Comércio preenchem com satisfação.

A citação que fiz à instituição do Seguro Social obrigatório nos diversos países, teve por fim explicar um episódio que se prende com a vida de Inválidos do Comércio e que teve lugar há tempo.

Em 1949 reuniu em Lisboa o Congresso do Conselho Internacional do Patronato Comercial, com sede em Estocolmo, organismo que é constituído por Asso-

ciações de Comerciantes de diversos países da Europa, e destinado a estudar as questões sociais das respectivas actividades.

Porque a União de Grémios de Lojistas de Lisboa também se encontra filiada nesse Organismo internacional, competiu-lhe organizar esse Congresso, e num dos dias em que os trabalhos das sessões permitiram um passeio oferecido aos Congressistas, o nosso saudoso Alexandre Ferreira, então presidente de Inválidos do Comércio, pediu-nos que incluíssemos no programa do passeio uma visita a essa Instituição, o que teve lugar, tendo-se prestado aos Congressistas visitantes todos os esclarecimentos tendentes a fazer compreender a sua natureza e fins.

O próprio Alexandre Ferreira com a sua convincente maneira de falar tomou parte importante nesta tarefa esclarecedora em que tudo se procurou explicar.

Terminada a visita, e não se tendo notado qualquer das habituais manifestações de admiração ou de simples satisfação que tínhamos tido ocasião de presenciar após se terem visitado outras realizações sociais, procurámos inquirir, sobretudo dos mais observadores, quais as suas impressões, verificando com surpresa que não tinham compreendido o significado da obra, julgando que em face da previdência organizada, não haveria que realizar obras destas. E principalmente uma das coisas que lhes causou maior impressão foi o facto dos internados não poderem dispor inteiramente da sua liberdade, tendo de manter-se nas dependências ou parque da Casa de Repouso, à excepção dos dias que normal-

mente lhes são concedidos para os seus passeios.

Transmiti depois estas observações a Alexandre Ferreira, que sabia viver a obra a que se tinha devotado, e vi a mágoa que havia sentido por tal facto.

Ponderando com atenção o que se tinha passado, acabei por formar uma ideia baseada nas impressões colhidas.

Embora entidades particulares, alguns deles eram representantes de sectores de países em que a preparação profissional, conjuntamente com a educação cívica, proporcionam ao trabalhador uma melhor compreensão do seu papel, facultando-lhe um nível social muito mais elevado. Não se trata apenas de salário, mas de alguma coisa mais.

Não trabalha, como tantas vezes sucede entre nós, como se cumprisse uma punição.

O trabalho produzido nas condições em que o faz, em geral cria-lhe uma consciência individual e profissional que se não coaduna com um estado de depressão moral como tantas vezes verificamos entre as nossas gentes, com as consequentes manifestações.

Por outro lado, em virtude do seguro social já há muito estabelecido, o indivíduo que já não pode trabalhar, venceu uma reforma, ao passo que entre nós, por só há poucos anos se ter começado a instituir o correspondente seguro, este só daqui a duas ou três dezenas de anos principiará a produzir efeitos nas devidas condições.

A este respeito devo acrescentar que em relação às actividades comerciais, a obra social ficará mesmo incompleta se não se instituir também o seguro para

os patrões, tão sujeitos, como os empregados, às consequências da idade e da doença que podem coincidir também com a carência de recursos, agravada a sua situação por não estar garantida a sua reforma. Temos presente aos nossos olhos essa triste verdade quando verificamos como é constituída a população dos internados em Inválidos do Comércio, em que ex-patrões do comércio estão representados normalmente numa percentagem que quase sempre oscila entre 40 e 50 por cento.

Atravessamos, portanto, um período de transição, no fim do qual estas coisas decerto ficarão estabelecidas em moldes diferentes.

Até então — (e quanto tempo decorrerá!) — o papel de Inválidos do Comércio será aquele para que foi criada, e para cuja manutenção voluntariamente contribuem algumas dezenas de milhar de sócios.

Continuará sendo a instituição abençoada cujos benefícios se irão prodigalizando dentro dos moldes já estabelecidos.

E quando o tempo a decorrer for fazendo vencer os prazos e atribuir as pensões que o seguro garantiu, dando aos reformados outras condições, se se reconhecer essa necessidade será então ocasião de fazer evoluir a orientação estabelecida para Inválidos do Comércio, adaptando-a às condições desse tempo.

Até lá, fora do campo do Mutualismo, e um pouco à margem das vulgares normas da Assistência, Inválidos do Comércio continuará a ser aquilo que os seus fundadores quiseram que fosse: um farol de esperança a iluminar o mar proceloso das dificuldades em que se debatem os profissionais do comércio, quando patrões ou empregados, atingiram uma idade em que o trabalho já lhes é vedado, e por não terem sido bafejados pela sorte, se encontram, sem amparo, com o único recurso de estenderem a mão à caridade pública.

«Registamos o grato prazer que nos deu a visita a esta Instituição e congratulamo-nos pelo que ela constitui no todo da sua admirável instalação e arranjo.»

12/5/1939

A Câmara Inglesa de Comércio em Portugal

As «bodas de prata» de Inválidos do Comércio...

Os vinte e cinco anos na prática da solidariedade entre os profissionais do comércio...

Ontem... Meia dúzia de homens, já passantes da casa dos 60, reuniram-se em modesta casa do Loreto, para consertarem as bases da Instituição — uma instituição que abrigasse condignamente os que a decrepitude ou a infelicidade incapacitasse de trabalhar, ao cabo desprovidos de recursos e sem arrimo certo, evitando-lhes a vergonha da solicitação da esmola, mais vexatória, se possível, para quem profissionalmente havia ocupado lugar destacado na colectividade. Atrás daqueles homens outros vieram e a ideia vingou, enraizou, ganhando o entusiasmo dalguns é a confiança de muitos, apesar dos velhos do Restelo, que sempre os houve em todos os tempos e à nascença de tudo que sacuda costumes velhos...

A Instituição nascera no momento próprio e logo conseguiu bons e experimentados cabouqueiros, dando-lhe uma feição diversa daquelas a que, no nosso meio, estávamos habituados (o fardamento, o número, a chapa, a parada...); posto que já fosse praticada lá fora e em países pequenos como o nosso, por exemplo, a Dinamarca, que a conta desde 1891, salvo erro...

★

Hoje... O que neste quarto de século se há feito aí está, bem contado em relatórios, em notícias de jornais, em conferências, em impressões de visitantes e, sobretudo, bem à vista, na Casa de Repouso, implantada na Quinta do Outeiro, ali, ao Lumiar, onde o conforto, o bem-estar, a tranquilidade, a alegria de viver, em suma, nos surgem de todos os lados, dispensando, portanto, largas referências. É o melhor padrão-síntese da solidariedade, de cada vez mais robustecida entre os profissionais do comércio — e está dito!

★

Amanhã... Cinjo-me aos algarismos estampados no relatório da gerência de 1953. Ponho-me, então, a fazer cálculos: Como seria possível assinalar as «bodas de ouro» de Inválidos do Comércio, decorridos os outros vinte e cinco anos de actividade, se os que exercem a profissão comercial quiserem!

Em 31 de Dezembro findo, os sócios efectivos e auxiliares somavam 38.127. Excluo os honorários e os beneméritos, porque admito que não pagam quotas. A quotização produziu: 1.567.797\$80, dando, pois, uma média de: 3\$50, números redondos, a quota mensal paga por cada associado.

Na mesma data estavam na Casa de Repouso, 168 indivíduos do sexo masculino e 37 do feminino; total: 205. Havia 54 indivíduos assistidos externamente, com os quais se dispenderam: 82.992\$50, isto é, 1.537\$00 com cada um. O Orfanato tem 11 pupilos, com que se gastaram 36.075\$30.

Ora, parece que exercem a profissão comercial no Continente, nas Ilhas e no Ultramar 500.000 indivíduos de ambos os sexos.

Para mim, na «arte de comerciar», conto do administrador de Banco ou Companhia até ao contínuo ou moço de armazém, todos, afinal, peças maiores ou menores, necessárias ao bom funcionamento da máquina.

Não tenho à mão dados oficiais que me confirmem aquele número. Creio, porém, que na rectificação não me afastaria muito dele.

Longe de mim a ambição de ver inscrito no nosso quadro associativo, quero dizer, em Inválidos do Comércio, aquele meio milhão de indivíduos. Porém, um dia pode acontecer, por uma forte razão, que me abstenho de dizer, que dez vezes mais o número de sócios registados no fim do passado ano, isto é, 380.000, estejam connosco, portanto contribuindo com a linda verba de 16.000 contos.

Seguindo a mesma progressão teremos uns 2.050 internados. Mas, como a média dos candidatos à Casa de Repouso nos diz que jamais será atingido aquele número, sobejar-nos-á uma importância relativamente grande, a aplicar ao Orfanato, então, com a possi-

bilidade de instalações próprias, adentro da Quinta do Outeiro, onde há terreno em barda, instalações que comportariam a escola-oficina (não se assustem com a palavra!), a instruir e a educar os pupilos depois de prévia observação, de modo a orientá-los na profissão a seguir, de preferência, é claro, a carreira comercial.

Dir-me-ão, agora: E, as edificações para a conveniente instalação do que poderá considerar-se um *sonho*, aliás fácil de passar à realidade, o ponto é que os trezentos mil e pico de indivíduos, hoje arredados, venham ter connosco?

Responderei, sem hesitações: Lá está a Comissão de Propaganda, que não dorme sobre os louros colhidos, de cada vez mais afinadamente trabalhando para que novas construções surjam, como por encanto, e o mobiliário e a utensilagem que as guarneçam!

★

Devem ter notado que para a minha ambição — a ambição de quem viu nascer Inválidos do Comércio e tem acompanhado o seu metódico desenvolvimento (eis o segredo da sua prosperidade) — não conto com os legados, doações, donativos, etc., incertos, embora de ano para ano subindo, felizmente, por beneméritos reconhecida a utilidade da Instituição e a inteligência e o prestígio de quem a dirige.

E, agora, feitas as contas, ao meu parecer e sem veleidades bandarristas, achô que, transcorridos outros vinte e cinco anos, as «bodas de ouro» de Inválidos do Comércio poderão ser comemoradas, sem que no País existam profissionais do comércio, tocados pela velhice ou pela invalidez, sem recursos afectivos e materiais, à espera de vaga na Casa de Repouso, havendo a par das actuais instalações, as precisas aos nossos órfãos, acarinhados e educados como se torna mister, as salas de biblioteca e de espectáculos e conferências, os apartamentos para casais, etc., com seus bem cuidados parques e jardins, então, já tabuletada, a Quinta do Outeiro, da *Cidade dos velhos e dos órfãos do Comércio*, a cada canto se anotando a alegria de viver — dos anciãos que muito trabalharam, e das crianças que útilmente virão a trabalhar, olvidados dos infortúnios que os chicotearam antes de lhe transpor os portões — gratos à Solidariedade da família comercial, que em 1929 abraçou a ideia de poucos, logo apoiada entusiasticamente por milhares, que lhe firmaram os alicerces, lhe traçaram os planos e realizaram o que está à vista de todos e nos faz ter confiança no Futuro!

In Memoriam

No fecho das actividades de 25 anos, data solene para INVALIDOS DO COMÉRCIO, recordamos, com emoção, as individualidades que pereceram durante o ano de 1954 e que — cada uma no sector onde trabalhou — lhe prestaram tantos e tão relevantes serviços:

- Raúl Dias de Almeida Brás
- Dr. António Maria Pires
- Joaquim Roque da Fonseca
- José Gregório de Almeida
- Manuel Joaquim Munhoz
- Raúl Esteves dos Santos

NA PASSAGEM DO 25.º ANIVERSÁRIO DE INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Por JOSÉ MARIA DIAS FIDALGO

Falar de Inválidos do Comércio (Instituição de Solidariedade entre os que labutam no Comércio Português) e da sua acção, através dos 25 anos da sua existência, sempre progressiva e objectivamente eficiente, sem nunca, por um momento sequer, deixar de trilhar o caminho do Bem e do Amor pelo próximo, de accordó com os princípios definidos desde a primeira hora, e que lhe valeram logo a consideração, o apreço e o respeito de todos quantos alguma vez, ou de algum modo, contactaram com a magnitude da sua Obra eminentemente social, sob o seu aspecto prático e moralmente evangélico, pela forma como faz chegar às mãos, que se lhe estendem, a almejada dádiva reconfortante, ou o aconchego de um lar aonde a dignidade pessoal não fica diminuída nem o nome é trocado por um número, não é tarefa fácil para nós, tomando em conta o seu valor e a sua projecção, que se situam muito para além do normal em casos tais.

Fundada por um pequeno grupo de homens devotados ao bem comum e extremamente sensíveis às necessidades alheias, não lhes podia passar despercebido o momento que se atravessava, lançando-se com todo o entusiasmo na tarefa altruísta de fundar o que viria a denominar-se Inválidos do Comércio, e hoje é o orgulho da classe, pelos serviços que presta, pela isenção, pelo apuro e pela beleza moral, criando raízes profundas no âmago de todos aqueles que, pertencendo ou não a essa grande família dos profissionais do comércio, alguma vez a viram com os olhos da alma, a sentiram e compreenderam com o coração, para jamais deixarem de lhe votar o melhor de toda a sua boa vontade e a mais sentida admiração.

Em princípio destinada simplesmente a receber, na sua Casa de Repouso, os profissionais de idade avançada e os fisicamente inválidos, de qualquer idade, com o rodar dos tempos a sua acção

Presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa

desenvolveu-se e alargou-se, tornando-se extensiva às colegas do sexo feminino e aos filhos e filhas, órfãos, criando internatos para aquelas e orfanatos para estes, onde se lhes ministra uma educação adequada às suas tendências, lançando-os depois na vida prática, com as habilitações necessárias, que os põem ao abrigo de contingências a que estavam sujeitos pelas precárias circunstâncias em que ficaram.

Mas, tomando em consideração o seu valor positivo no meio social em que milita, não ficam por aqui os benefícios que prodigaliza, pois eles estendem-se por toda a parte e por todos os necessitados, quer materialmente quer moralmente, e por tal forma, que nos faltam os adjectivos próprios para dar o devido realce a obra de tais projecção e grandeza.

Lançada na prática em hora feliz, e nessa altura sem similar, dentro ou fora das nossas fronteiras, despertou imediatamente profundas e devotadas simpatias em todos os sectores sociais, como se verifica através de inúmeros testemunhos insuspeitos, tanto de nacionais como de estrangeiros, e cujas declarações espontâneas, isentas do menor vislumbre de facciosismo, deixam perceber o cunho de verdades incontestáveis, considerando até a categoria de uns e a nacionalidade de outros, e com o sabor especial de não serem solicitadas, por isso filhas da admiração espontânea pelo que viam, e, assim, ditadas por um dever de consciência próprio dos espíritos lúcidos, com conhecimentos reais da vida, dos homens e das suas virtudes, tanto morais como cívicas.

Para além disso, muitos deles foram até ao ponto de confirmarem o seu agrado com dádivas avultadas, que contribuíram para que Inválidos do Comércio seja hoje o que se encontra à vista de todos, e é já eloquentemente apreciável, embora não seja tudo a que se aspira, para a tornar ainda maior, e ainda mais útil, por forma a poder valer a todos aqueles que, menos protegidos pela sorte, no último quartel do

labuta diária, se vê sem o amparo e auxílio a que tem jus, como ser humano que é!

Obedecendo a este princípio, não nos cansaremos de, sempre que para isso se nos proporcione a ocasião — e esta é uma delas — de chamar a atenção de todos aqueles para quem esta Instituição foi criada, do dever que se lhes impõe de zelar e velar por aquilo que é seu e da obrigação de contribuirem, dentro das possibilidades, para ocorrer às suas necessidades e desenvolvimento.

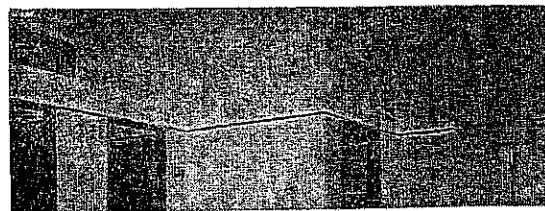
A Casa de Repouso de Inválidos do Comércio abriga sob os seus tectos, profissionais dos dois sexos; que ultrapassam as duas centenas. O orfanato mantém e educa, já, um número de órfãos apreciável e, da sua assistência externa, quer se trate de pensões, quer de auxílios adventícios, falam melhor do que nós os números publicados no seu último relatório e contas que, só por si, na sua fria rigidez, são suficientemente expressivos e eloquentes.

Desconhecer tudo isto equivale a desconhecermo-nos a nós próprios; deixar à mercê de estranhos à profissão, a manutenção embora em parte, do que a nós pertence, coloca-nos em posição menos de acordo com o brio profissional que a todo o custo nos compete defender, com aquela dignidade e altivez próprias de quem defende o sagrado património legado por seus maiores.

Com isto, única e simplesmente respondemos aos esforços da Digníssima Direcção de Inválidos do Comércio, composta por homens simples, inteiramente devotados à causa e cónscios das responsabilidades que pesam sobre os seus ombros, impondo-se pela sua probidade, honorabilidade e ainda pelo sentido económico iluminado pelo raciocínio, o que os torna dignos dos maiores louvores, e bem merecem de todos nós.

Secção feminina
Um dos quartos

Casa de Repouso
Um dos balneários



LUTA VENCIDA

Por AUGUSTO JOSÉ DA SILVA Guarda-livros

Passa pelo mundo uma onda de egoísmo que parece tudo querer avasalar e contra a qual os verdadeiros «homens de boa vontade» devem formar uma barreira, porque o egoísmo é expoente máximo da falta de coração e de carácter, é a negação absoluta do sentimento de humanidade, o que torna o homem um ser antipático, inútil e até prejudicial ao seu semelhante e à sociedade.

Na verdade, o egoísta, só querendo o bem para si, sem se preocupar com o infortúnio dos outros, recolhe-se ao melhor comodismo que pode. Longe de procurar ser útil ao próximo, socorrendo-o nas suas necessidades, compartilhando dos seus sofrimentos, pagando condignamente aos que para ele trabalham, ou gasta perdulariamente os bens adquiridos à custa da exploração do suor dos outros, ou vive miseravelmente agarrado ao dinheiro.

Alheio à dor, às lágrimas, à doença, ao desemprego e à fome dos desafortunados, volta a cara ao pobre que lhe estende a mão, não querendo lembrar-se de que os bens que possui lhe foram entregues por Deus para que deles fizesse bom uso e que se assim não proceder pode também um dia cair em desgraça.

Mas, felizmente, nas searas nem tudo é joio.

Há ainda homens de coração bem formado, almas de eleição e vontades de ferro na luta para debelar ou atenuar o infortúnio dos seus irmãos.

Foi desse quilate aquele grupo de homens que, talvez então por outros alcunhados de lunáticos, há 25 anos se ergueu para conseguir fundar e manter uma Casa onde os seus irmãos no comércio, quer empregados, quer patrões, quando a adversidade, a doença ou a velhice lhes batessem à porta, se

(Continuação da página anterior)

vive o seu espírito entusiástico e vivificador.

Sei que, exaltando mais uma vez, a figura de Alexandre Ferreira, não posso de melhor forma traduzir os sentimentos unânimes daqueles que ora dirigem a instituição e daqueles que aproveitam os delicados carinhos aí dispensados. Por isso, aqui foco o seu vulto enorme, o qual à medida que o tempo decorre, mais e mais se avanta, e maior se torna a nossa admiração e reconhecimento, por aquele que soube sofrer para minorar o sofrimento alheio.

Se o Mundo fosse povoado por Alexandres Ferrerias a vida seria, como diz o povo em sua expressiva linguagem, um perpétuo mar de rosas. Mas, como poucos homens pertencem à alta estirpe moral em que ele pairou neste voo terreno, que o seu exemplo perdure e a sua obra sirva de estímulo para outras obras similares.

pudessem acolher como a casa sua, encontrando ali o alimento, óptimas acomodações, vestuário, tudo o que é essencial à vida, a par dum ambiente familiar e acolhedor, não raro melhor do que alguns tiveram em suas próprias casas.

É incalculável e indizível quanto de trabalho, de persistência, de abnegação foi preciso a esses homens para conseguirem o fim que tinham em vista.

Mas porque, com vontade de ferro, deveras quiseram, unidos no só desejo de serem úteis, e como numa só alma, a semente bendita que lançaram à terra germinou, tornando-se na árvore frondosa que é a Casa de Repouso de Inválidos do Comércio, a qual acolhe já centenas de ex-profissionais do comércio, de ambos os sexos, e presta socorro a muitas viúvas e a muitos órfãos, isto de maneira progressiva.

A luta foi vencida!

Luta de homens empreendedores e dinâmicos contra espíritos acanhados e descrentes de tudo e de todos; luta de homens que souberam ter por lema «quem teima vence», o que sucede quando a ideia é boa e tem a animá-la o dever a cumprir; luta de homens que

sonharam conseguir — e conseguiram — que muitos da classe a que pertenciam não passassem os últimos dias da sua vida acabrunhados por privações de toda a ordem, ou a um canto dum asilo, humilhados com um fardamento e com um número, como se penitenciários fossem.

A esses homens, de que muitos iguais não existem, todos devemos ter na nossa memória e no nosso coração.

Mas pode e deve ir mais além esta magnífica instituição.

Bastará para tanto que todos os profissionais do comércio, empregados e patrões, num acto de previdência, de camaradagem, de apoio e reconhecimento pelo muito que se vê já praticado, venham inscrever-se em Inválidos do Comércio, pois a união faz a força.

Essa será a melhor manifestação de solidariedade da classe comercial e a melhor comemoração das bodas de prata deste exemplar organismo.

Aos seus actuais dirigentes e delegados, sócios e beneméritos um agradecimento sincero; aos sócios vindouros um abraço acolhedor e pelos fundadores que já estão na eternidade uma sentida oração.

A lição de Alexandre Ferreira

(Continuação da página 8)

meio, as possibilidades materiais, as financeiras e as morais, as energias úteis a aproveitar, as melhores técnicas e os mais dedicados técnicos, a máxima bondade e generosidade, os oportunos auxílios, persistentes ou não, e a austera vigilância de tudo, inteligente, solícita, sempre humana.

*

Ora Alexandre Ferreira, por constituição e temperamento congénitos, por educação, por cultura e por bondade natural, possuía o justo e bastante equilíbrio das qualidades criadoras precisas para actuar eficazmente, para saber escolher os que haviam de ocupar lugares de direcção, para arrastar pessoas entusiastas, idealistas, sim, mas práticas, generosas, conscientes da superioridade da Obra.

Espírito liberal, diferenciava-se da maioria pela firmeza das suas convicções, mas, por isso mesmo, pela sua tolerância, pelo que em cada um respeitava o que lhe desse felicidade, fosse idealismo sistematizado ou ilusão fugaz, desde que a sua energia, acção e subsídios de inteligência, dinheiro ou trabalho, pudessem contribuir para o bem dos fracos, dos vencidos, dos necessitados, devido à idade, doença, cegueira, surdez, invalidez enfim.

Por isso as crianças e os velhos foram

os dois grandes polos do seu interesse, do seu carinho, do seu apostolado.

*

A sua vida foi uma grande lição, porque em todas as circunstâncias procurou sempre observar bem à sua volta, compreender, sentir, raciocinar, tornar a sentir, e sentir sempre, o sofrimento alheio, estudando, planeando, e, uma vez feito um plano inteligentemente, sendo persistente, defendendo-o, lutando contra desânimos, invejas, cobiças, avarezas e toda a gama diabólica dos factores negativos da vida!

Pensou sempre mais nos outros do que em si próprio.

E por isso a Obra dos Inválidos do Comércio foi criada, se impôs, progrediu e tem na sua frente um futuro de prestígio.

Alexandre Ferreira fica, assim, como um símbolo; mas um símbolo não apenas no meio comercial, político ou liberal, mas em todo o meio português contemporâneo, para lição dos vindouros.

Que o saibam compreender todos os que o admiram, para assim honrarem a sua memória, e que o conheçam para admirarem a sua Obra e as suas qualidades, todos os Portugueses sensíveis ao sofrimento alheio e à dignificação da Assistência e da Previdência!

Recordando...

por

Abílio Augusto dos Santos Júnior

Comerciante, da Delegação de INVALIDOS DO COMÉRCIO em Coimbra

As obras de carácter social são as que melhor conduzem à perfeição humana e à paz entre os homens.

Baseados, pois, nos princípios de solidariedade e previdência, um grupo de generosos sonhadores, constituído por elementos do comércio, lançou a semente à terra, da fundação da sua Casa de Repouso.

Esta ideia feliz, surgiu há precisamente 25 anos, tendo fortificado plenamente com a iniciativa de se organizar a instituição Inválidos do Comércio, ficando, assim, satisfeitas as aspirações do coração dos seus realizadores, o que se ajustou admiravelmente aos sublimes ditames da razão.

No momento oportuno, surgiu Alguém, que em vida se chamou Alexandre Ferreira, inteligência luminosa, batalhador incansável na defesa do «bem-fazer», servindo a nossa causa durante longos anos, levando o timbre da sua voz a todos os recantos do País, onde as suas palavras, ditadas pelo coração, proclamaram bem alto: «que todos saibamos repartir um pouco, para amparo dos velhos e desamparados da sorte».

Os grandes ideais quando têm a servi-los homens desempoeirados e honestos, florescem nos seus fins humanitários, para bem dos infelizes.

Todos aqueles que, com o seu trabalho e acção, irmanados no mesmo pensamento, conseguiram reunir num só bloco todos os seus colaboradores, podem orgulhar-se de apresentar uma boa folha de serviços prestados em favor dos nossos irmãos de trabalho que a sorte não bafejou.

E, sendo assim, nesta hora bem alta já para a vida de Inválidos do Comércio, em que se comemoram as suas bodas de prata, não devemos também deixar de lembrar outro nome que a morte já ceifou: Júlio Silva.

Espírito culto, que, à custa do seu próprio esforço se soube sempre impor, pelo desassombro das suas atitudes e ainda pela actividade que empenhou na propaganda da Nossa Instituição, procurando sempre praticar o Bem ao seu semelhante.

A uma alta preparação aliou um profundo sentimento de bondade, de Justiça e de humanidade. A nossa obra, deve-lhe imenso.

Foram duas figuras que desapareceram e que jamais serão esquecidas pelos seus continuadores.

Adentro da nossa pequena esfera de acção, temos acompanhado e vivido de perto a grandiosidade e o desenvolvimento da Nossa Instituição. Nesta Coimbra cheia de encantos, foi acolhida desde o seu início com todo o carinho, a tão louvável e nobre ideia da criação de Inválidos do Comércio. Foi o saudoso animador do mutualismo, Carlos Rocha, quem, levado por um sentimento puro e leal, serviu dedicadamente a nossa causa durante alguns anos.

Assim, começada a campanha de propaganda, foram rolando os anos e a bolinha de neve foi crescendo lentamente até chegar a um regular número de associados. Os métodos de trabalho dos seus continuadores não se modificaram, pois eram ditados mais pelo cora-



Orfanato
Alguns pupilos

ção do que pela própria inteligência. Foi no seguimento desta bondade toda cheia de Fé, que procurámos sempre ser útil ao próximo e assim andamos a colaborar também pela conquista do bem-estar dos profissionais do comércio.

Quem visitar hoje as instalações do Lumiar, verificará a grandeza daquela Casa acolhedora dos que se encontram vencidos pelo trabalho. Todos ali têm o seu cantinho reservado junto dos seus irmãos do comércio, sendo ali recebidos com a maior alegria.

O comércio de Coimbra, está imensamente grato a todos quantos têm contribuído para o seu desenvolvimento, pois que, dentro da fórmula e da verdadeira solidariedade, tem sido prestada a necessária assistência aos internados desta cidade.

Inválidos do Comércio

Por Artur Guedes da Costa Cabral (Sócio N.º 4)

Inválidos do Comércio já hoje é uma grande obra de assistência, que muito honra a assistência em Portugal. Inválidos do Comércio nasceu e desenvolveu-se mercê apenas do esforço e dedicação da classe comercial do País. Como instituição de assistência que é, pode, segundo creio, realçar de qualquer confronto entre as suas congéneres da iniciativa privada ou estatal.

Desde a sede própria, na sua propriedade da Quinta do Outeiro, às suas modelares instalações, serviços clínicos, etc., tudo foi conseguido pela solidariedade privada. Todo o seu conjunto pode e deve constituir justo orgulho de quanto pode e é capaz a iniciativa particular mesmo abandonada pelo auxílio ou incentivo oficial. Bem hajam os seus beneméritos, suas gerências, comissões de propaganda e o número sempre crescente dos seus associados. Só através destes autênticos Voluntários do Bem foi possível atingir-se tal desideratum.

Sui-génensis, como instituição de assistência que é, tem a conquistar, com toda a justiça, ainda muito simpaticamente. Inválidos do Comércio é, sob o ponto de vista como prodigaliza as suas obrigações de assistência, sumamente simpática e talvez única em Portugal. Nem fardamentos vexatórios, nem rígidos regulamentos disciplinares! É tão louvável isso, como louvável são os preliminares das admissões. Para

tanto não se inquire, entre muitas e outras coisas dispensáveis, quase os credos políticos ou espirituais dos vencidos que a ela recorrem. Basta certificarem que estão vencidos para a vida comercial e é quanto basta.

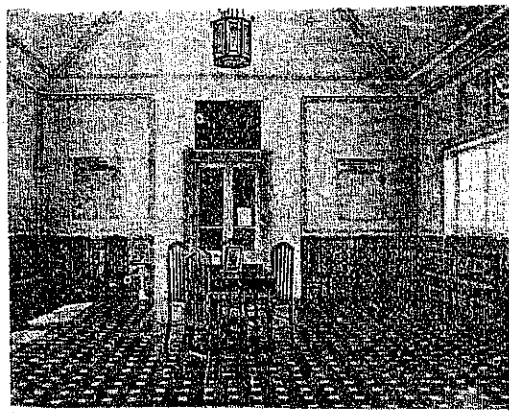
Lá dentro, transpostas que sejam as vedações da Quinta do Outeiro, todos encontram conforto e bem-estar. O restante, que nem sequer alguém ousou devassar, é a vontade individual. Nada de padrões impostos ao pensamento ou dificuldades ao seu itinerário.

Comparativamente, com certos casos observáveis noutros estabelecimentos de assistência, não deve ser penoso estar internado. Para muitos, é, quando alcançada a admissão, a hora de começar a viver, e por isso se penalizam de começar a viver quase à hora de terminar.

Orfanato
Um dos quartos



PRINCIPAIS EFEMÉRIDES



«Serviços Clínicos
Manuel António Dias Ferreira»
Átrio

1929 — **Abril 10** — Por iniciativa de Alfredo Cabral, caixeiro de praça, lançam-se as bases da fundação de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO, sendo a comissão iniciadora constituída pelo proponente, José Joaquim da Costa Fernandes, Alfredo Duarte Laureano, António Guedes da Costa Cabral, Artur Guedes da Costa Cabral, Felisberto Simplício e Júlio Afonso.

— **Julho 18** — Aprovam-se as bases da fundação e nomeia-se para a comissão organizadora Alexandre Ferreira, Alfredo Cabral, Amílcar Costa, António Augusto de Sousa, António Gomes Susano, Francisco Manuel da Costa e Homero Duarte Ramos.

— **Setembro 12** — A Assembleia Geral discute e vota o projecto dos Estatutos, apresentado pela Comissão Organizadora. Simultaneamente, encerra-se a inscrição de sócios fundadores que atinge o número de 4.141.

— **Setembro 30** — É publicado o alvará de aprovação dos Estatutos.

— **Outubro 21** — São eleitos os primeiros Corpos Sociais.

— **Novembro 16** — Lavra-se o arrendamento da Quinta do Paço, no Paço do Lumiar, para a instalação da Casa de Repouso.

1930 — **Maio 25** — É inaugurada a Casa de Repouso, na Quinta do Paço, com a população de 10 internados.

1931 — **Janeiro 26** — Os representantes do Grémio dos Artistas Teatrais e o actor Chabi Pinheiro visitam a Casa de Repouso.

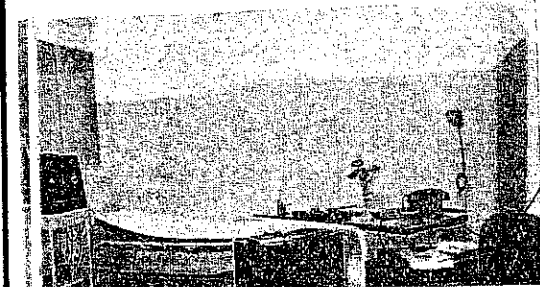
— **Março 13** — Os caixeiros viajantes e os representantes comerciais resolvem pôr em prática um grande plano de propaganda de Inválidos do Comércio.

— **Outubro 5** — Começa a funcionar a Cozinha Social, dirigida por uma comissão de sócios de Inválidos do Comércio, que, durante bastante tempo, distribuiu 300 refeições diárias por profissionais do comércio desempregados.

— **Outubro 7** — Aprovam-se as alterações aos Estatutos, dando característica nacional à instituição e ampliando, com novas modalidades, a sua acção de assistência.

— **Novembro 22** — É lançada a primeira pedra do Preventório dos Profissionais do Comércio de Portugal.

«Serviços Clínicos
Manuel António Dias Ferreira»
Gabinete dos médicos



1932 — **Abril 11** — Morre Alexandre Bento, sócio fundador e presidente do Conselho Fiscal da instituição.

— **Setembro 15** — «O Século» patrocina a ideia da realização da «Semana de Inválidos do Comércio», que lhe foi sugerida pela Delegação em Coimbra.

— **Setembro 18** — Realiza-se a tradicional cerimónia do «Pau de fileira» na vivenda «Por Bem», edificada no alto da Boa Vista, em Albarraque, e a sortear pela Comissão de Propaganda.

1933 — **Fevereiro 21** — Morre Alfredo Cabral, inspirador da ideia da fundação de Inválidos do Comércio e seu sócio n.º 1.

— **Abril 21** — Adopta-se a primeira pupila da instituição, Maria Ivone, de 5 anos, órfã do sócio n.º 390, caixeiro de balcão.

— **Julho 11** — É inaugurado o anexo — ampliação da Casa de Repouso, na Rua Direita do Paço do Lumiar, 66. — Inicia-se, sob o patrocínio de «O Século», a «Semana de Inválidos do Comércio».

— **Outubro 22** — O benemérito Manuel António Dias Ferreira oferece 101.040\$00, em papéis de crédito a Inválidos do Comércio.

1934 — **Fevereiro 9** — Morre José Joaquim da Costa Fernandes, um dos fundadores de Inválidos do Comércio.

— **Julho 8** — Comemora-se o 5.º aniversário de Inválidos do Comércio com um espectáculo de arte, no parque da Casa de Repouso, a que dão o seu concurso grandes vultos da cena portuguesa. Perto de 500 pessoas visitam nesse dia as instalações de Inválidos do Comércio.

— **Outubro 8** — A assembleia geral habilita, por unanimidade, a Direcção a instalar a Casa de Repouso em edifício privativo.

— **Novembro 28** — Reunem-se as comissões de arnuamento, que, por iniciativa da Comissão de Propaganda, vão efectivar o «Natal de Inválidos do Comércio».

1935 — **Janeiro 2** — A casa bancária Borges & Irmão, ao comemorar as «bodas de prata» da sua filial em Lisboa, entrega a Inválidos do Comércio o donativo de 25.000\$00.

— **Janeiro 15** — Um anónimo visita a redacção do «Diário de Notícias» e deixa, entre diversas dádivas a casas de assistência, 10.000\$00 para Inválidos do Comércio.

— **Março 18** — O Grémio dos Importadores Armazenistas de Merceria entrega à Comissão de Propaganda a importância de 27.512\$90, tributo voluntário de cinco milavos em cada quilo de bacalhau e arroz, importados em Dezembro de 1934.

— **Agosto 12** — Morre Pedro de Seixas Corrêa, sócio da instituição e antigo funcionário do Banco de Portugal, legando a propriedade de 300.000\$00 a Inválidos do Comércio com usufruto a terceiros.

— **Agosto 19** — É lavrada a escritura da compra da Quinta do Outeiro, para a construção da Casa de Repouso.

1936 — **Janeiro 20** — É aberto o concurso segundo as bases elaboradas pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, para os ante-projectos do edifício destinado à Casa de Repouso.

— **Março 18** — O Grémio dos Importadores Armazenistas de Mercarias (Delegação em Lisboa) faz novo donativo de 13.214\$30.

— **Maio 21** — Morre, na Casa de Repouso, António Leopoldo de Magalhães Peixoto, conhecido contabilista, professor de comércio e autor de diversos livros didácticos.

— **Agosto 22** — É inaugurada, na Sociedade de Belas Artes, a exposição das ma-

quetas dos ante-projectos da Casa de Repouso.

— **Dezembro 22** — A Associação Comercial de Lojistas aprova o donativo de 25.000\$00 para a construção da Casa de Repouso.

— **Dezembro 28** — A Assembleia Geral da instituição elege presidente o benemérito associado Manuel António Dias Ferreira.

1937 — **Março 20** — Um comerciante de Lisboa, exigindo rigoroso anonimato, entrega 50.000\$00 à Comissão de Propaganda para a construção da Casa de Repouso.

— **Junho 18** — A União dos Interesses Económicos ao deliberar a sua dissolução, resolve que o saldo existente e o seu mobiliário sejam entregues a Inválidos do Comércio.

1938 — **Janeiro 6** — O grande benemérito Manuel António Dias Ferreira, entrega um donativo de 40.000\$00 para a construção da Casa de Repouso.

— **Fevereiro 13** — A Comissão de Propaganda patenteia ao público as obras de edificação da Casa de Repouso.

— **Março 31** — O sr. Ministro do Interior, dr. Mário Pais de Sousa, inaugura o novo edifício da Casa de Repouso.

— **Abril 3** — É feita a entrega, pela Comissão de Propaganda, à Direcção, do edifício da Casa de Repouso.

— **Julho 27** — Adopta-se o primeiro pupilo, José, de 5 anos, órfão do sócio n.º 20.563, empregado de escritório, residente em Vila Real de Santo António.

— **Dezembro 11** — Inválidos do Comércio faz-se representar na sessão inaugural da sua congénere portuense «O Lar do Comércio».

1939 — **Maio 4** — Morre o benemérito Artur Cilia, que legou a Inválidos do Comércio a propriedade sita na Rua dos Correiros, 71-77.

— **Maio 12** — São recebidos na Casa de Repouso os membros da Câmara de Comércio Inglesa, que fazem uma demorada visita ao edifício.

— **Julho 27** — No Campo Pequeno realiza-se a terceira tourada, promovida pela Comissão de Propaganda.

— **Dezembro 1** — De todos os pontos do País convergem visitantes, computados em cerca de 3.000, à Casa de Repouso, numa significativa manifestação de aplauso a Inválidos de Comércio, por iniciativa de uma comissão de caldenses, constituída por Alberto Santos Nogueira, António Sousa Júnior e Eduardo Antão.

1940 — **Fevereiro 14** — Morre Manuel António Dias Ferreira, presidente da Mesa da Assembleia Geral e grande benemérito da Instituição.

— **Julho 2** — O comerciante Manuel Alvarez y Rivera, falecido em 1939, contempla a instituição com o legado de 10.000\$00.

— **Julho 9** — Os velhos colonos que constituíram o cruzeiro à Metrópole visitam a Casa de Repouso.

— **Julho 28** — O Chefe do Distrito de Lisboa, Coronel Lobo da Costa, visita a Casa de Repouso.

1941 — **Fevereiro 15** — A benemérita senhora D. Joaquina Dias Ferreira, comemorando o primeiro aniversário do falecimento de seu esposo, contempla Inválidos do Comércio com o donativo de 100.000\$.

— **Agosto 22** — No Campo Pequeno efectua-se mais uma corrida nocturna, promovida pela Comissão de Propaganda.

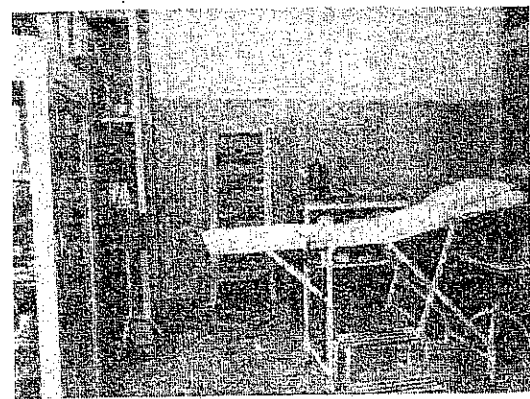
— **Novembro 26** — Morre Júlio Silva, fi-

CONCLUSÃO

DAS AMPLIAÇÕES

DA CASA DE REPOUSO

COMEMORAÇÕES DO XXV ANO



«Serviços Clínicos
Manuel António Dias Ferreira»
Sala de tratamentos

A despeito dos quase inenarráveis esforços dispendidos para que a inauguração das ampliações da Casa de Repouso se fizesse no decorrer do mês de Dezembro, tal intenção não pode ter realidade.

Os trabalhos de construção civil apresentaram-se, posteriormente, sob um aspecto de extensão que não se previa.

Os edifícios antigos sofreram, no decorrer dos anos e mercê das intempéries, uma devastação, felizmente só em parte, que requiere cuidados imediatos.

Por outro lado, houve as inevitáveis delongas na recepção do equipamento da cozinha; a importar da Alemanha, contrariedade que se juntou às já citadas, mais se justificando o impedimento de dar efectivação aos actos que se projectavam para a data da inauguração: o corrente mês.

Logo, os projectos de utilizar o mais curto espaço de tempo, permitindo, assim, que em Dezembro de 1954 tudo se apresentasse concluído e a funcionar, malograram-se.

Será, pois, em 1955, talvez no primeiro semestre, segundo o parecer dos técnicos a quem estão confiados os diversos trabalhos, que a conclusão se dará.

Não deixarão, pois, de se realizar, em Dezembro corrente, as comemorações do XXV aniversário.

Uma comissão de sócios, saída dos Corpos Sociais, composta pelos Srs. Alfredo Pereira Pedrosa, José Manuel Dias, Jaime Branco Marques, Américo Lopes e Manuel Alves Frazão, a quem foi confiada a elaboração do programa, deu-lhe a seguinte organização:

Domingo, 12 — As 10 horas: vi-

sita, em todos os cemitérios de Lisboa e no de Sintra, às campas dos sócios Beneméritos, membros dos Corpos Sociais e Internados. Em todas elas se espargirão flores.

Domingo, 19 — Às 15 horas: sessão solene, no Salão da Casa de Repouso, para encerramento das actividades de 25 anos. Serão oradores representantes dos Organismos patronais e dos Sindicatos de empregados no comércio.

Simultaneamente, colocar-se-ão em todos os prédios recebidos por doação ou legado, em Lisboa e noutras localidades, placas de mármore, onde ficarão inscritos os nomes dos respectivos beneméritos.

gura de grande relevo na vida da instituição.

— *Dezembro 29* — Os caixeiros viajantes reúnem-se no Ateneu Comercial de Lisboa para cordenar um plano de propaganda de Inválidos do Comércio em todo o País.

— *1942 — Março 10* — Morre na Casa de Repouso o escritor Eduardo de Aguiar, que foi durante largos anos empregado dos Armazéns Grandela.

— *1943 — Junho 12* — O «Jornal do Comércio» dá conhecimento de que «O Escudo do Inválido», meritória iniciativa do Prof. Caetano Beirão da Veiga, rendeu 60.452\$80, importância que fora entregue à Comissão de Propaganda.

— *1945 — Dezembro 30* — A Comissão de Propaganda faz entrega à Direcção, em acto solene, do edificio dos «Serviços Clínicos Manuel António Dias Ferreira». Na mesma data foram homenageados os beneméritos D. Joaquina Costa Dias Ferreira e Ricardo Covões, cujos nomes ficam inscritos em placas de mármore no átrio do edificio.

— *1946 — Setembro 14* — Morre a benemérita senhora D. Joaquina Costa Dias Ferreira.

— *1947 — Junho 20* — Morre o comerciante José Mendes Quintino, prestigioso mutualista e antigo vice-presidente da Direcção.

— *1948 — Fevereiro 20* — O glorioso almirante Gago Coutinho, agradecendo os cumprimentos de parabéns que lhe foram enviados, endereça aos internados uma expressiva carta de saudação.

— *Maio 10* — Inicia-se na Casa de Repouso uma interessante série de conferências para os internados. Falou o dr. Almerindo Lessa acerca do «Elogio da Velhice».

— *Junho 26* — Realiza-se no Pavilhão dos Desportos, por iniciativa do «Diário de Notícias», a «Grande Noite do Comércio», destinando-se o produto à Obra Social da Fra-

gata D. Fernando e a Inválidos do Comércio, que recebeu a importância de 26.448\$70.

— *Agosto 8* — Inaugura-se, em Albarraque, a Casa de Repouso dos Alfaiates de Portugal, estando Inválidos do Comércio largamente representado nesse acto.

— *Setembro 15* — Morre em Sintra o comerciante Romão Ferreira Pires, que constituiu Inválidos do Comércio seu único e universal herdeiro.

— *1949 — Maio 24* — Os delegados ao II Congresso Internacional do Patronato Comercial, reunido em Lisboa, visitam as instalações da Casa de Repouso.

— *Junho 13* — Morre a benemérita senhora D. Lídia Maria Marques, dispondo, em testamento, que o remanescente da sua fortuna revertesse a favor de 16 instituições de assistência, no número das quais se conta Inválidos do Comércio.

— *Junho 16* — Os caixeiros de praça e os agentes comerciais de Lisboa iniciam uma activa propaganda para a obtenção de novos sócios, conseguindo que esse número se elevasse a 1720.

— *Dezembro 5* — O solicitador encartado Armando Baptista da Costa oferece os seus serviços à instituição, passando a ser o seu procurador obsequioso.

— *1950 — Março 15* — Morre Alexandre Ferreira, cujo funeral constituiu uma das mais significativas manifestações de mágoa.

— *Agosto 17* — O vereador Sr. António Maria Pereira, comerciante de livraria, propõe, em sessão camarária, que a uma das artérias de Lisboa seja dado o nome de Alexandre Ferreira.

— *1951 — Junho 2* — Morre desastrosamente o empresário Ricardo Covões, grande amigo de Inválidos do Comércio.

— *Novembro 4* — Inaugura-se na Quinta do Outeiro, sede de Inválidos do Comércio, o monumento a Alexandre Ferreira, realizando o engenheiro Cunha Leal uma brilhante conferência sob o tema «Um

homem excepcional», tendo a escutá-lo um grande auditório.

— *1952 — Março 9* — Inaugura-se na Quinta de S. Francisco, Charneca do Lumiar, a Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses, sendo Inválidos do Comércio representado por diversos membros dos seus corpos sociais.

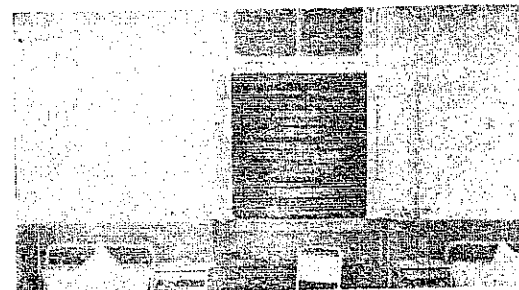
— *Julho 15* — Descerra-se no átrio dos «Serviços Clínicos Manuel António Dias Ferreira» um medalhão reproduzindo a effigie de Júlio Silva, homenagem póstuma ao seu esforçado trabalho de tantos anos em favor de Inválidos do Comércio.

— *Dezembro 28* — Sob a presidência do Ministro do Interior, Dr. Trigo de Negreiros, realiza-se o acto inaugural do Pavilhão — ampliação da Casa de Repouso.

— *1953 — Abril 14* — Morre Júlio Afonso, sócio fundador n.º 3.

— *Novembro 28* — Homenageia-se, na sede da Casa de Repouso a memória do benemérito Jaime Thompson, proferindo o jornalista Belo Redondo uma conferência sob o tema: «Jaime Thompson, um exemplo de trabalho e de bondade».

«Serviços Clínicos
Manuel António Dias Ferreira»
Um dos quartos para 2 doentes





Secretaria
Contabilidade e expediente geral

Gratidão

Deve-a INVÁLIDOS DO COMÉRCIO e reafirma-a aos Ex.^{mos} Srs.:

Dr. Humberto Pelágio, consultor jurídico obsequioso;

Armando Baptista da Costa, procurador obsequioso.

Dr. Bernardino Nunes, odontologista obsequioso.

*

IMPRESA

Possuímos pela Imprensa a admiração que lhe é devida em face dos seus extraordinários poderes de comunicação.

Sem ela, sem o concurso amigo e valiosíssimo dos Jornalistas, INVÁLIDOS DO COMÉRCIO jamais atingiria esta expansão que se lhe reconhece, pois apagar-se-ia no meio da indiferença colectiva e, evidentemente, sem os reflexos que a sua existência tem obtido na grande população comercial, através da vulgarização escrita.

Saudamos, pois, toda a Imprensa e aqueles que, profissionalmente, são o seu melhor esteio: os que a redigem.

*

POPULAÇÃO ASSOCIATIVA ACTUAL

Estatística encerrada em 10/11 de 1954

Em Lisboa	28.388
No Porto	522
Em Coimbra	977
Na Provincia	9.507
Nas Ilhas	201
No Ultramar	713
	<hr/>
	40.308

RECOPILAÇÃO

Sócios efectivos e auxiliares	40.190
Sócios honorários	7
Sócios beneméritos	111
	<hr/>
	40.308

Quando vier a Lisboa, em viagem de negócios ou em passeio, não deixe de visitar a nossa CASA DE REPOUSO. Todos aqui são bem-vindos. Duas horas chegam para essa visita.

A Casa de Repouso recebeu até à data 626 internados, de ambos os sexos, comerciantes e empregados, que exerciam a sua actividade nas seguintes especialidades comerciais: adubos, 2; águas medicinais, 1; arneiro, 1; artigos de automóveis, 1; artigos de caça, 1; artigos de electricidade, 6; artigos de escritório, 1; artigos fotográficos, 2; artigos de iluminação, 2; artigos de óptica, 1; artigos de verga, 1; artigos de viagem, 3; associações, 5; bancários, 8; bengalas e guarda-chuvas, 1; bijutarias, 2; café, 5; calçado, 6; camisaria, 4; capelista, 6; ceireiro, 1; chapelaria, 8; chapéus de senhora, 2; combustíveis, 3; comissões e consignações, 3; conservas, 2; cordoeiro, 2; cortiças, 1; cutelarias, 2; despachantes, 5; drogaria, 9; drogas e produtos químicos, 9; farmácia, 13; ferragens, 8; ferro-velho, 2; flores artificiais, 2; fotografia, 3; géneros coloniais, 17; grémios corporativos, 1; importação e exportação, 1; indústria cinematográfica, 2; leitaria, 6; livraria, 6; lotarias, 1; louças e vidros, 7; luvária, 2; madeiras, 3; malas, 2; máquinas, 6; materiais de construção, 3; mecânica de automóveis, 1; metais, 2; minérios, 1; miudezas, 1; misto, 5; moagem, 3; modas, 2; molduras, 2; móveis, 8; navegação, 1; óleos, 5; ourivesaria, 15; padaria, 1; papelaria,

5; peles, 1; penhores, 1; perfumaria, 1; pescarias, 2; publicidade, 2; quinquilharias, 3; relojoaria, 1; retrosaria, 7; roupa feita, 1; saboaria, 1; sapataria, 6; seguros, 5; serviços administrativos de Imprensa, 4; solas e cabedais, 8; tabacaria, 12; têxteis, 137; transportes colectivos, 2; utilidades, 3; vassoureiro, 1; vinhos, 39; víveres, 146.

*

Delegados

O somatório de dedicações reveladas pelos muitos delegados de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO, no País, é um índice da estima que rodeia a Instituição.

Se estas dedicações não existissem seria difícil fazer vingar integralmente as iniciativas tomadas, principalmente a realização dos sorteios.

Para estes tão dignos colaboradores, o nosso amplexo de estima e também de reconhecimento.



100 ANOS

Fê-los em 5 de Novembro pretérito, a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria.

Nascida no final do reinado de D. Maria II, atravessou uma existência secular no meio do respeito geral pela sua admirável missão de socorro mútuo. As mutações que a vida portuguesa tem sofrido, não boliram no seu prestígio nem diminuíram a sua auréola.

O Comércio da capital pode, com orgulho, apresentá-la, até além fronteira, como monumento e como padrão.

Nós saudamo-la com a veneração que merecem Obras desta grandeza!



Constituição dos Corpos Sociais de Inválidos do Comércio em 1954

Mesa da Assembleia Geral: Presidente, Joaquim Rodrigues Simões, comerciante; Vice-Presidente, Alfredo Pereira Pedrosa, guarda-livros; 1.º Secretário, Luís Santos, empregado de escritório; 2.º Secretário, Florindo Pereira da Silva, comerciante; 1.º Vice-Secretário, António Marques Pereira, caixeiro de praça; 2.º Vice-Secretário, Domingos Guedes da Silva, comerciante.

Direcção: Presidente, José Manuel Dias, gerente comercial; Vice-Presidente, Jaime Branco Marques, guarda-livros; 1.º Secretário, Américo Lopes, guarda-livros; 2.º Secretário, António Madeira da Conceição, empregado de escritório; Tesoureiro, António Ferreira da Costa, empregado de escritório; Vogais: Francisco Duarte Resina e Afonso de Lima Vilarinho, comerciantes; Suplentes: Alexandre Gonçalves Neves, Fernando Alves de Lima Vilarinho e Justino Pinheiro Machado, comerciantes.

Conselho Fiscal: Presidente, Manuel Alves Frazão, comerciante; Secretário, Eduardo Antão Marques, comerciante; Relator, António Soares Campos Vieira, contabilista; Suplentes: Alfredo Pimenta Araújo, técnico de seguros; Henrique Rogado Dias, empregado de escritório.

Congéneres

Ao encerrarem-se as comemorações do XXV aniversário saudamos, com a vibração própria de quem trabalha por iguais objectivos, as nossas congéneres:

O LAR DO COMÉRCIO
AS CASAS DE REPOUSO DOS ALFAIATES DE PORTUGAL
A CASA DE REPOUSO DOS MOTORISTAS PORTUGUESES

Secretaria
A sala de expediente



Valores patrimoniais que constituíam os fundos sociais em 31/12/1953

I — DISPONÍVEIS:			
Em numerário:			
Em Caixa	23.739\$40		
Em Depósitos à Ordem	141.836\$60		
	165.575\$00		
Contribuições a pagar do pessoal	3.087\$30	162.488\$70	
II — REALIZÁVEIS:			
Papéis de Crédito	3:276.834\$14		
Gêneros na despesa	30.607\$20	3:307.441\$34	
III — IMOBILIZADOS:			
Propriedades:			
Casa de Repouso e anexos no Lumiar	3:842.305\$66		
Prédios de rendimento	4:560.156\$00		
Móveis e utensílios	1:386.723\$10		
Exploração agrícola	41.700\$00		
Veículos com motor	172.125\$00		
Biblioteca	20.554\$00	10:023.563\$76	
IV — DE TRANSIÇÃO:			
Rendas adiantadas		1.611\$80	
		13:495.105\$60	

Sócios, internados e fundos sociais desde a fundação até Novembro de 1954

Anos	Sócios	Inter- nados	Fundos sociais	Anos	Sócios	Inter- nados	Fundos sociais
1929 a 31	12.063	14	124.469\$44	1943	32.958	119	4:976.873\$93
1932	19.366	23	300.771\$08	1944	33.322	133	5:172.662\$38
1933	23.416	40	479.722\$61	1945	32.769	135	6:354.525\$22
1934	23.941	48	854.039\$53	1946	33.565	150	6:496.804\$08
1935	27.075	64	1:271.954\$57	1947	32.075	157	6:528.668\$28
1936	27.587	71	1:466.483\$91	1948	31.570	153	9:517.384\$04
1937	28.373	72	2:202.986\$91	1949	33.200	160	10:220.051\$50
1938	30.372	100	3:225.719\$50	1950	33.731	173	10:687.151\$58
1939	31.660	103	4:001.777\$19	1951	34.378	186	11:024.277\$90
1940	32.859	106	4:397.257\$25	1952	34.186	202	11:344.727\$50
1941	35.450	115	4:716.468\$26	1953	38.243	205	13:195.105\$60
1942	35.724	117	4:883.183\$75	Nov./1954	40.190	201*	—

* Até 31 de Dezembro do corrente ano serão feitas mais admissões de internados.

CARTA ABERTA A UM SOCIO AMIGO

Meu caro consócio:

Não ignoro que, havendo-lhe sido facultados os originais, leu com o maior agrado os artigos insertos neste número único.

Como vim, reunimos um escol de colaboradores, verdadeiras autoridades nos assuntos tratados, que depõem livremente sobre a função social de INVALIDOS DO COMÉRCIO. Por esses artigos se pode aferir o conceito de que a Instituição goza.

Atíngidos vinte e cinco anos de existência, merece a pena lançar um olhar retrospectivo sobre a montanha de esforços e de trabalhos que se não produzido e lembrar, enternecidamente, todos os que, com convicção e amor à ideia nascente, foram os artífices de uma obra de coração e também de justiça para com aqueles nossos companheiros de profissão a quem a adversidade perseguiu.

Presto culto sentido à memória dos que pereceram nesta já estirada jornada de um quarto de século e saúdo os sobreviventes, aqueles que, sem haverem diminuído o fervor da sua convicção, ainda infleiram a nosso lado.

Rendo as minhas homenagens à memória gratíssima e saudosa dos Beneméritos, personalidades que, possuidoras de uma formação moral absolutamente conforme à doutrina do Bem, escolheram a Instituição para as suas disposições testamentárias ou para as suas doações.

E quantos foram! Desde a modesta doação de Manuel Duarte de Figueiredo e de sua Esposa — a primeira recebida — até ao legado quantioso de Jaime Thompson, registam-se, neste campo, tocantes provas de confiança, attingindo dezenas.

A população associativa, com a sua característica fluante, natural em aglomerado tão grande numericamente, onde a inscrição é voluntária, torna-se factor primário a considerar na manutenção e, portanto, na vida de INVALIDOS DO COMÉRCIO.

Embora atinja cifra animadora e que é difícil de obter em organismos de carácter particular, torna-se mister que a bola de neve continue rolando e o número de associados aumente. Outro tanto se dá com o valor da quota individual. O apelo dirigido aos sócios, em 1951, para que, na medida das possibilidades económicas de cada um, aumentassem o quantitativo das suas quotas, é cada vez mais oportuno. Rasga-se ante nós um largo programa de trabalhos. É indispensável tornar cada vez maior o edificio da Casa de Repouso, a fim de facilitar ainda mais as admissões, mas também é preciso dotar a área de que dispomos e que é bastante vasta, de outros edificios complementares, tais como: a Secção Feminina em instalações próprias; o Orfanato, idem; e a Secção de paralíticos, que, hoje, propriamente não existe em qualquer organismo oficial ou particular; o salão-teatro destinado aos festivais que a Instituição promovia, enfim, uma vastidão de projectos que o tempo, a boa vontade e a reunião de muitas migalhas tornarão possível.

Eis o que, nesta hora festiva de INVALIDOS DO COMÉRCIO, se oferece dizer-lhe o

Seu cordial amigo,

José Manuel Dias

Presidente da Direcção

Em 10 de Janeiro de 1955

realizar-se-á, sob a presidência da autoridade administrativa, o 39.º sorteio promovido pela Comissão de Propaganda, constituído por 550 prémios.

Bilhetes com:

2 números — Esc. 5\$00
5 números — Esc. 10\$00
12 números — Esc. 20\$00

Locais de venda de bilhetes:

- Pavilhão privativo: Praça dos Restauradores, 6, onde funciona a exposição de prémios.
- Piso inferior da Estação do Rossio, Praça D. João da Câmara.
- Secretaria de INVALIDOS DO COMÉRCIO.
- Em mais de 1.000 estabelecimentos comerciais de Lisboa e arredores.
- Em todo o distrito de Lisboa, pelo pavilhão rolante, que o percorrerá assiduamente em contacto com o público.
- Em todo o Continente, nos estabelecimentos comerciais de nossos consócios.

A cada um profissional do comércio cabe o dever material de cooperar nestes sorteios, pois têm sido eles o factor fundamental para que exista o conjunto dos nossos edificios sociais privativos.

Dada a sua orgânica, seja qual for a localidade onde o adquirente resida, o bilhete ou bilhetes que pretenda ser-lhe-ão entregues pelo correio, no próprio lar. Basta que envie, antecipadamente, a indispensável importância, em vale de correio ou franquias postais, à Secretaria de INVALIDOS DO COMÉRCIO, Rua dos Fanqueiros, 221, 2.º; Tel. 2 4357, Lisboa.